

A MÚSICA CONTEMPORÂNEA EM BELO HORIZONTE NA DÉCADA DE 80

Nelson Salomé de Oliveira

Durante a década de 80 a música contemporânea de concerto ocupou um espaço significativo na vida musical de Belo Horizonte, envolvendo compositores, intérpretes, instituições de ensino, como também um público expressivo. Eventos que marcaram esta efervescência musical - *Ciclos de Música Contemporânea*, *Simpósios para Pesquisadores em Música Contemporânea* e *Encontros de Compositores Latino-Americanos* - contribuíram para incentivar a produção de obras inéditas, bem como para a divulgação de obras ainda não executadas em Belo Horizonte, colocando o intérprete e o público em contato com um novo repertório. A capital mineira se viu privilegiada com a presença de figuras representativas da música brasileira e latino-americana, que ali deixaram uma importante contribuição, principalmente para as instituições de ensino.

Ao longo da segunda metade do século XX, Belo Horizonte contou com a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais e com a Fundação de Educação Artística - FEA - como instituições de ensino, além da Escola de Música da Universidade Mineira de Arte - UMA¹ - , esta última um dos principais centros de ensino musical da capital mineira. Iremos nos deter, porém, nas duas primeiras instituições citadas, devido à participação expressiva que elas tiveram junto ao movimento de música contemporânea ocorrido na década de 80.

A Escola de Música da UFMG, que se caracterizava por um espírito conservador, começou a se transformar a partir do início da década de 80. Guerra Peixe iria dinamizar o curso de composição, atraindo muitos alunos para as disciplinas de composição e orquestração, e permanecendo

¹ Criada no início da década de 50 e posteriormente denominada FUMA - *Fundação Mineira de Arte Aleijadinho*, esta escola era subdividida em duas unidades: *Escola de Música - ESMU* - e *Escola de Artes Plásticas - ESAP*. Em 1995 a FUMA foi absorvida pela *Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG*. A Escola de Música e a Escola de Artes Plásticas, que já funcionavam em locais separados, passaram a ser unidades independentes e integrantes da Universidade Estadual.

como professor do curso de graduação até o final dos anos 80. Em meados da década, Koellreutter começou a lecionar nos cursos de especialização, de extensão, e posteriormente também nos de graduação, atuando desde 1985 como coordenador do *Centro de Pesquisa em Música Contemporânea - CPMC*. Com a saída de Koellreutter em final de 1987, a coordenação deste centro ficou a cargo de Eduardo Bértola, que iniciou então os trabalhos no *Laboratório de Composição com Meios Eletroacústicos* - dando início a uma atividade até então inexistente na Escola de Música.

O ingresso de Carlos Kater no final de 80 na Escola de Música da UFMG dinamizou os cursos de especialização, e a área de musicologia foi privilegiada tanto com pesquisas sobre música colonial como sobre a produção atual dos compositores mineiros. Atuando como coordenador do *Núcleo de Apoio à Pesquisa - NAPq* - do *Centro de Pesquisa em Música Contemporânea* e do *Laboratório Integrado de Interpretação e Criação Musical*, Kater estimulou a produção de trabalhos de caráter interdisciplinar envolvendo compositores e intérpretes. A sua iniciativa da criação da revista *Música Hoje* e dos *Cadernos de Estudo* estimulou a produção de textos e a reflexão sobre a música atual.

O quadro de professores da Escola de Música, que já vinha se renovando ao longo da década de 80, iria contar com a presença de vários instrumentistas atuantes nas salas de aula. Estes iriam criar o *Grupo de Música Contemporânea - GMC* que, além de representar a Escola de Música em importantes eventos locais e nacionais, serviu como forte estímulo aos compositores mineiros ou residentes em Minas, que passaram a ter assegurada uma excelente qualidade na execução das suas peças. O professor e compositor Oíliam Lanna, que já vinha desempenhando um trabalho significativo à frente de grupos instrumentais nos eventos de música contemporânea, tornou-se o regente do GMC. Com a presença dos professores Gilberto Carvalho e Maurício Loureiro, um dos idealizadores do GMC, foi aberto também um espaço para o questionamento das relações entre música e informática.

A Fundação de Educação Artística funcionou como um pólo centralizador de todo esse movimento. Criada em início dos anos 60, a FEA destacou-se ao longo de sua existência como uma instituição que optou por formas mais atualizadas de ensino, favorecendo inclusive a reciclagem de professores de outras instituições. Outra característica dessa instituição foi a de criar e coordenar eventos, tanto ligados à música tradicional quanto à música do século XX.

Os Festivais de Inverno, sediados em sua maioria na cidade de Ouro Preto, foram criados em 1967 conjuntamente pela FEA e pela Faculdade de Artes Visuais da UFMG. Mesmo passando para a responsabilidade ex-

clusiva da UFMG a partir do segundo ano de sua existência, a coordenação da área de música dos Festivais continuou a cargo da FEA até 1986. A pianista Berenice Menegale, que sempre esteve à frente dessa instituição, se dedicou com afinco à coordenação dos Festivais e em 1987 os professores da Escola de Música da UFMG passaram também a integrar esta coordenação. O entrosamento entre a FEA e os Festivais de Inverno foi muito produtivo e trouxe benefícios para ambas as partes. No início a programação musical dos Festivais constava de um repertório tradicional, mas a partir dos anos 70 começou a ser incluído repertório de música do século XX e, em especial, de música brasileira contemporânea.

Segundo Berenice Menegale, o cantor paraguaio Eládio Pérez González foi a figura responsável pelas encomendas aos compositores brasileiros, visando os concertos de encerramento dos festivais. Eládio Pérez se destacou como um dos intérpretes mais atuantes nos Festivais de Inverno e nos eventos de música contemporânea de Belo Horizonte, sempre estimulando os compositores a produzirem obras para ali serem estreadas. Estando ligado a eventos similares realizados em outros países da América Latina, Pérez indicou e contatou compositores como os argentinos Eduardo Bértola, Dante Grella e o guatemalteco Joaquim Orellana para atuarem como professores nos Festivais de Inverno. Muitos desses professores convidados passaram a lecionar ou manter um relacionamento estreito com a Fundação de Educação Artística, sendo que alguns deles, como Eduardo Bértola e Rufo Herrera, fixaram residência em Belo Horizonte.

Os Festivais de Inverno tiveram uma importância fundamental principalmente quanto ao estímulo propiciado aos jovens compositores e intérpretes mineiros, favorecendo a criação de grupos voltados à execução da música contemporânea, como também de eventos específicos para a mostra de trabalhos dessa natureza. Em meados da década de 70 começou a ser plantada a semente do espírito de latino-americanismo que permeou a capital mineira na década de 80. Esta semente gerou um movimento que teve como ponto culminante a criação do *Centro Latino-Americano de Criação e Difusão Musical* e os *Encontros de Compositores Latino-Americanos*, sediados e coordenados pela FEA.

A Fundação de Educação Artística teve ainda a função de sediar e principalmente de estimular a criação de grupos de interpretação como o *Grupo de Música Experimental - Grume -*, o *Grupo Oficina Multimídia*, os *Grupos de Câmara*, os *Grupos de Improvisação* e o *Grupo Uakti*, dentre outros. Alguns desses grupos, como o *Oficina Multimídia* e o *Uakti*, já atravessaram duas décadas, marcando suas participações em eventos nacionais e internacionais. De alguma forma todos estes grupos tiveram um papel relevante na

formação dos jovens intérpretes, seja propiciando uma tomada de contato com linguagens pouco convencionais ou dando a eles uma oportunidade de realizarem um trabalho de grupo com um grau de qualidade maior que os habitualmente realizados. A música contemporânea oferecia, e ainda oferece, ilimitadas possibilidades quanto aos tipos de formação de conjuntos musicais, ou de grupos que primam por trabalhos de natureza interdisciplinar, como o *Multimédia*. Os compositores, por sua vez, tiveram a oportunidade de desfrutar de diversos laboratórios para experimentar combinações pouco ou ainda não usuais.

Os eventos relacionados à música contemporânea que ocorreram a partir de meados da década de 80 em Belo Horizonte - os já mencionados *Ciclos, Simpósios e Encontros de Compositores Latino-Americanos* - promoveram um intercâmbio entre compositores e intérpretes nacionais e estrangeiros. Na programação dos *Ciclos de Música Contemporânea* eram incluídas não só obras contemporâneas, como também compositores representativos do século XX, como Debussy, Ravel, Stravinsky, Schoenberg e Bartók, objetivando delinear uma ponte entre o crepúsculo da música tonal e a produção mais recente. À medida em que esses eventos eram conhecidos e divulgados, tornou-se necessário a sua realização em salas maiores - o *Auditório Prof. Oromar Moreira da Associação Médica de Minas Gerais*, por exemplo, que comporta um público de 400 pessoas, foi insuficiente para atender ao *II Encontro de Compositores Latino-Americanos* em 1988, fato ainda hoje incomum quando se trata de concertos voltados exclusivamente à música contemporânea. Houve uma expansão imediata dos *Ciclos e Simpósios*, envolvendo a participação de compositores e intérpretes de outros estados bem como de outros países, e tendo como conseqüência natural a criação dos *Encontros de Compositores Latino-Americanos*.

Dentre as principais lideranças de todo este movimento destaca-se a figura do pianista Paulo Sérgio Álvares, que além de ter sido responsável pela criação do *Núcleo de Música Contemporânea - NMC* -, sediado na FEA, e pela criação dos *Ciclos e Simpósios*, teve uma atuação significativa como intérprete nos eventos mencionados. Os dois primeiros *Ciclos* foram coordenados por Paulo Sérgio, e a partir do terceiro a coordenação ficou a cargo de seu irmão, Eduardo Álvares, um dos compositores então emergentes no cenário da música mineira.

Através de uma análise retrospectiva do papel exercido pelas instituições de ensino, bem como uma análise dos principais eventos que marcaram Belo Horizonte nessa segunda metade do século, observamos que a década de 80 teve papel de destaque no que tange ao despertar e concentrar esforços para o desenvolvimento da música contemporânea. Como

pudemos observar, a presença de figuras importantes e consagradas da música brasileira e latino-americana na Escola de Música da UFMG e na FEA, a qualidade e a continuidade dos eventos de música contemporânea ao longo da década (atingindo meados da década seguinte) e o estímulo gerado aos intérpretes e compositores pela formação dos grupos de interpretação e criação, dentre outros fatores, justificam esta pesquisa, cujo objetivo principal é o de averiguar a importância deste movimento que dinamizou o cenário musical da capital mineira neste final do século XX.